

Descoberto túmulo de filha de d. Pedro I

Caçula do relacionamento do imperador com a Marquesa de Santos, a Condessa de Iguazu foi sepultada no Cemitério da Consolação

As armadilhas da burocracia são tantas que nem a morte escapa. Quase 120 anos após o enterro, a notícia é recuperada de empoeirados escaninhos: uma filha de d. Pedro I foi sepultada no Cemitério da Consolação, no centro de São Paulo. Trata-se de Maria Isabel de Alcântara Bourbon, a Condessa de Iguaçú, última dos cinco filhos que o imperador teve com sua mais famosa amante, Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos.

Nem o endereço da sepultura nem o local da morte de Maria Isabel eram consenso entre os pesquisadores. Ela passou a vida entre São Paulo e o Rio, então, eram fortes as suspeitas de que a Condessa de Iguaçú teria sido enterrada em um cemitério carioca. Houve até quem afirmasse que ela teria morrido na mineira Ouro Preto.

Quem decidiu passar a limpo o que era um rascunho deste fragmento da História do Brasil foi o arquiteto e historiador Paulo Rezzutti, membro do Instituto Histórico e Geo-

gráfico de São Paulo. “Estava finalizando meu novo livro, a biografia de d. Pedro (D. Pedro: A História não Contada – O Homem Revelado por Cartas Íntimas e Outros Documentos Inéditos), e me deparei com o desafio de pesquisar a respeito dos filhos dele.”

Mistério. Maria Isabel era um ponto confuso nessa história. Ao contrário da irmã Isabel Maria, Duquesa de Goiás (sepultada na Alemanha), as informações publicadas apresentavam discrepâncias. Então, Rezzutti decidiu ir a campo. Vasculhou os arquivos do Cemitério de São João Batista, no Rio. “E fui procurar nos óbitos das Igrejas de São Francisco Xavier do Engenho Velho, na Tijuca, e de São Francisco da Penitência, no centro do Rio.” Mas nada de encontrar uma linha sobre a filha do imperador.

Foi quando um artigo publicado pelo jornal *Estado de Minas*, em 1962, ajudou o historiador. “Era uma crônica escrita por um sujeito que, naquela altura bem mais velho, se recordava do tempo em que morou em São Paulo, próximo da Estação da Luz”, afirma Rezzutti. “E ele contava que era vizinho da Condessa de Iguaçú, com quem toda a molecada da rua aprendeu a falar palavrão.”

A pesquisa retornava, então, para São Paulo. O historiador achou a primeira pista: o obituário de Maria Isabel, publicado

em 6 de setembro de 1896, pelo **Estado**. “Faleceu ontem, nesta cidade, a sra. Condessa de Iguaçú, filha da finada Marquesa de Santos. O enterro dá-se hoje, subindo o féretro da Rua dos Protestantes. Os nossos pêsames à exma. família enlutada”, dizia a publicação.

Confirmado o local da morte, restava concluir o endereço do sepultamento – o que veio com o registro de óbito, lavrado pelo 5.º Cartório de Registro Civil de Santa Ifigênia. “Faleceu nesta capital (...) em sua residência, na Rua dos Protestantes, n.º 31. Causa mortis: arteriosclerose. Não deixou testamento, apenas a relação de alguns donativos a serem feitos. Foi enterrada no Cemitério Municipal”, relata o documento. Cemitério Municipal é o nome original do Cemitério da Consolação, na região central da capital paulista, inaugurado em 1858 como o primeiro cemitério público da cidade.

Detalhe. Mas o biógrafo da Marquesa de Santos – que publicou em 2013 *Domitila: A Verdadeira História da Marquesa de Santos*, pela Geração Editorial – e agora de d. Pedro queria descobrir qual era o túmulo exato. Foi ao Arquivo Histórico Municipal, que guarda os registros anteriores a 1930 do cemitério. Encontrou lá a informação, ma-

nuscrita no verso da folha 68 do Livro de Inumação número 21: “Sepultou-se no terreno perpétuo à Rua 1, sepultura n.º 5, o cadáver de d. Maria Isabel de Alcântara Bourbon, Condessa de Iguaçú”.

“Ela estava o tempo todo aqui, tão perto”, diz Rezzutti. Perto, no caso, porque praticamente ao lado do tantas vezes por ele visitado túmulo da Marquesa de Santos (*confira mais nesta página*).

Simples e sem adornos, o túmulo não traz qualquer registro do nome de Maria Isabel de Alcântara Bourbon. “Não dá para saber se nunca houve ou se acabou se perdendo com o tempo. Mas agora, acho relevante, afinal, uma filha do primeiro imperador do Brasil está enterrada aqui”, diz o historiador.

Há menções a outros dois nomes no jazigo. “Aparecem a avó, a viscondessa de Castro, mãe da Domitila, que depois foi retirada de lá e enterrada com a filha; e o comendador Felício Pinto Coelho de Mendonça e Castro, filho mais velho da Domitila, fruto do seu primeiro casamento, com o alferes Felício Pinto Coelho de Mendonça”, explica o pesquisador.

O lançamento do livro de Rezzutti sobre d. Pedro – que será publicado pela Casa da Palavra – está previsto para o próximo semestre.

Marquesa bancou 1ª capela e comprou, em vida, três jazigos

No imaginário paulistano não faltam histórias (muitas verdadeiras, muitas outras falsas) da Marquesa de Santos. Entre as mais famosas há aquela que diz que Domitila de Castro Canto e Melo (1797-1867) foi a doadora do terreno que deu origem ao Cemitério da Consolação – e que seria, portanto, a “ocupante” da sepultura de número 1.

Trata-se de lenda, desmentida pelo historiador e arquiteto Paulo Rezzutti em seu livro *Domitila: a Verdadeira História da Marquesa de Santos*. “Ao se estudar as Atas da Câmara, é possível concluir que uma parte das terras onde o cemitério foi construído era pública e o restante pertencia a Marciano Pires de Oliveira, que tinha uma chácara

● **Datas**

1858

Ano de abertura do Cemitério da Consolação, primeiro da cidade.

1867

Morre a Marquesa de Santos.

no local”, explica ele, a despeito da plaquetinha no próprio túmulo da marquesa que a aponta como a doadora da área.

“O que acontece é que ela doou dinheiro para a construção da antiga capela do cemitério”, afirma o historiador. “E, ainda em vida, comprou três sepulturas perpétuas, uma ao la-

do da outra, todas na Rua 1 (*são as de número 3, 4 e 5*).” Das três, a única ornamentada é a da Marquesa de Santos.

Túmulo carioca. E ali, uma outra pequena descoberta de Paulo Rezzutti: todo o acabamento do túmulo foi trazido à época da morte de Domitila, do Rio, então capital do País. “Há uma pequena inscrição, atrás, que entrega essa história. Diz ‘JM Pomar – Rua da Ajuda, 37’”, revela ele. João Manoel Pomar era um marfomista do Rio que, conforme o pesquisador apurou, atuou nesse endereço entre 1864 e 1877. Os adornos da “última morada” da marquesa são um registro, portanto, do poderio dela. /E.V.



**D. Pedro I do
Brasil e IV de
Portugal**
(1798-1834)



**Brigadeiro
Rafael
Tobias de
Aguiar**
(1795-1867)



**Domitila
de Castro
Canto e Melo**
Marquesa
de Santos
(1797-1867)



**Felício
Pinto
Coelho de
Mendonça**
(1789-1833)



D. Leopoldina
Primeira imperatriz
do Brasil
(1798-1826)



**Rafael
Tobias de
Aguiar e
Castro**
(1834-1891)



**Francisca
Pinto Coelho
de Mendonça
e Castro**
(1813-1833)



Um filho
natimorto
(1823)



**Maria da
Glória
Rainha de
Portugal**
(1819-1853)



**João Tobias
de Aguiar
e Castro**
(1835-1901)



**Felício Pinto
Coelho de
Mendonça e
Castro**
(1816-1879)



**D. Isabel
Maria**
Duquesa
de Goiás
(1824-1898)



D. Miguel
(1820-1820)



**Gertrudes
de Aguiar
e Castro**
(1837-1841)



João
(1818-1818)



**D. Pedro de
Alcântara
Brasileiro**
(1825-1826)



**D. João
Carlos**
(1821-1822)



**Antônio
Francisco
de Aguiar
e Castro**
(1838-1905)



**D. Maria
Isabel de
Alcântara
Brasileira**
(1827-1828)



D. Januária
(1822-1901)



**Brasília
de Aguiar
e Castro**
(1840-1891)



**D. Paula
Mariana**
(1823-1833)



**Heitor de
Aguiar e
Castro**
(1842-1846)



D. Francisca
(1824-1898)



**D. Maria Isabel
de Alcântara
Bourbon**

Condessa de Iguaçú
(1830-1896)

Foi sepultada no
Cemitério da Consolação



D. Pedro II
(1825-1891)



**D. Amélia de
Leuchtenberg**
Segunda imperatriz
do Brasil
(1812-1873)



**D. Maria Benedita de
Castro Canto e Melo**
Baronesa de Sorocaba
Irmã de Domitila
(1792-1857)



**Clémence
Saisset**



**Princesa
Maria
Amélia de
Bragança**
(1831-1853)



**Rodrigo
Delfim
Pereira**
(1823-1891)



**Pedro de
Alcântara
Brasileiro de
Saisset**
(1829-1902)